

Projeto de extensão Núcleo de Estudos Antropológicos: pandemia, desafios e política nas redes

*Cyntia Carolina Beserra Brasileiro¹, Terezinha Albuquerque Cabral Neta Barros²,
Lorena Silva da Fonseca³, Gianna Grasiella Maia da Silva³,
Elany Lorraine Medeiros da Silveira³, Pollyana Moura de Oliveira³*

Resumo: *Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados das ações desenvolvidas no projeto de extensão Núcleo de Estudos Antropológicos (NEA) no período compreendido entre 2020 e 2021. Com a pandemia e o isolamento social, o projeto se realizou através das redes sociais Instagram e Google Meet, mediante publicações e minicursos online, refletindo sobre temas da política com o recorte etnográfico, contemplando pessoas de diversos seguimentos da sociedade e cidades do Nordeste. Tendo em vista a apresentação destes resultados, foi utilizada a metodologia qualitativa, com a utilização do recurso fotográfico e a sinalização de dados numéricos sobre os engajamentos na rede social oficial do projeto @nea.uern. Como resultados, observou-se que o NEA se fortaleceu através de sua adequação ao modo virtual, mantendo o compromisso de produção de conteúdo utilizando-se do ensino, pesquisa e extensão, em articulação planejada e se adaptando à realidade em um contexto de pandemia e distanciamento social.*

Palavras-chave: *Extensão universitária; Pandemia; Redes sociais; Política; Antropologia.*

Área Temática: *Educação; Tecnologia; Teorias e Metodologias em Extensão.*

Extension project Nucleus of Anthropologic Studies: pandemic, challenges and politics in the networks

Abstract: *This article aims to present the results of the actions developed in the extension project Nucleus of Anthropologic Studies (NEA) in the period between 2020 and 2021. With the pandemic and social isolation, the project was carried out through the social networks Instagram and Google Meet, through online publications and mini-courses, reflecting on political issues with an ethnographic approach, contemplating people from different segments of society and cities in the Northeast. In view of the presentation of these results, a qualitative methodology was used, with the use of photographic resources and the signaling of numerical data on engagements in the official social network of the @nea.uern. project. As a result, it was observed that the NEA was strengthened through of its adaptation to the virtual mode, maintaining the commitment to produce content using teaching, research and extension, in planned articulation and adapting to reality in a context of pandemic and social distancing.*

Keywords: *University extension; Pandemic; Policy; Social media; Anthropology.*

¹ Professora doutora do departamento de Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Campus Mossoró. E-mail: cyntiacarolina@uern.br

² Professora doutora do departamento de Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

³ Graduandas do Curso de Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Projeto de extensão Núcleo de Estudos Antropológicos: pandemia, desafios y política en las redes

Resumen: *Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de las acciones desarrolladas en el proyecto de extensión Núcleo de Estudios Antropológicos (NEA) en el período comprendido entre 2020 y 2021. Con la pandemia y el aislamiento social, el proyecto se llevó a cabo a través de las redes sociales Instagram y Google Meet, a través de publicaciones en línea y minicursos, reflexionando sobre cuestiones políticas con un enfoque etnográfico, contemplando personas de diferentes segmentos de la sociedad y ciudades del Nordeste. Ante la presentación de estos resultados se utilizó una metodología cualitativa, con el uso de recursos fotográficos y la señalización de datos numéricos sobre los compromisos en la red social oficial del proyecto @nea.uern., como resultado se observó que la NEA se fortaleció a través de su adaptación a la modalidad virtual, manteniendo el compromiso de producir contenidos desde la docencia, la investigación y la extensión, en articulación planificada y adaptándose a la realidad en un contexto de pandemia y distanciamiento social.*

Palabras clave: *Extensión universitaria; Pandemia; Política; Redes sociales; Antropología.*

INTRODUÇÃO

O NEA é uma proposta oriunda das ações de incentivo à Extensão Universitária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mediante a curricularização da extensão, regulamentada com Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018, que reconhece a importância da extensão na formação profissional e no incentivo à transformação social.

O referido projeto discutiu conceitos e vivências da política brasileira através de minicursos e publicações que explanaram sobre experiências etnográficas de campo. Partiu-se do pressuposto de que é importante discutir acerca da política para que valores essenciais na construção da democracia e cidadania se consolidem, de modo que o objetivo primordial do projeto fosse ampliar os conhecimentos sobre os estudos políticos, apresentando instituições, dinâmicas e atores envolvidos com o recorte antropológico.

Quando de sua propositura, o projeto foi tensionado pelo cenário de pandemia e isolamento social, de modo que para realizar as discussões temáticas foram propostos minicursos em formato *online* que envolvessem a comunidade de professores e estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, bem como pesquisadores de outras instituições, a comunidade local, órgãos institucionais e atores políticos. Promovendo-se assim a interface docência, pesquisa e extensão dentro do curso e da universidade com o intuito de ambientar as mais diversas abordagens que versem sobre o tema.

Com a pandemia¹ e o isolamento social, os métodos de ensino, pesquisa e extensão precisaram passar por readaptações, já que o presencial se tornou impraticável. Como conseguir realizar um projeto de extensão nesse cenário? Como não perder a essência mesmo sem poder usar o espaço simbólico do ambiente universitário? Muitos foram os desafios até que a proposta conseguisse se consolidar, e as redes sociais apareceram como um suporte para este diálogo com a pesquisa e publicações de temas relevantes ao conteúdo do projeto.

Por outra vertente, o projeto justificou-se também pela instabilidade política no contexto sociotemporal de sua implantação, uma vez que passamos por grandes embates no universo político brasileiro, a exemplo dos períodos eleitorais que também foram formatados para este modelo remoto: informações ao eleitor, formatos de

campanha, debates e divulgação foram reconfigurados, de modo que a extensão se revela como uma contribuição à formação política e cidadã, pois entende-se que quanto mais acesso à informação sobre a política, mais democráticas serão nossas escolhas.

OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados das ações desenvolvidas no projeto de extensão Núcleo de Estudos Antropolíticos (NEA)² no período entre 2020 e 2021, marcado pela pandemia e estabelecimento da modalidade remota, em diversos setores, a exemplo do educacional.

METODOLOGIA

A metodologia para desenvolvimento deste artigo foi qualitativa, com a apresentação de dados numéricos sobre a rede social oficial do projeto @nea.uern, bem como a utilização do recurso fotográfico, com apresentação das imagens (screenshots) distribuídas no texto para melhor projeção da rede social no perfil do projeto e engajamento dos seguidores. Apesar deste enfoque, salientamos que o recorte é de apenas um perfil, considerando a representação apenas das redes de relações de atores e fluxos do mesmo. Nas palavras de Resende (2020, p.96) “atores são, essencialmente, os membros da rede, que podem ser, por exemplo, distintos indivíduos ou organizações. Por sua vez, laços relacionais ligam os atores dentro de uma rede, sendo representados graficamente por linhas.

A análise foi pensada também mediante os *feedbacks* realizados pelos participantes dos minicursos — ao término de cada dinâmica, um pequeno questionário foi disponibilizado em forma de link para que avaliassem o evento e a discussão. O questionário visou tanto compreender a satisfação com os minicursos quanto sinalizar as temáticas de interesses futuras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Curricularização e vivências

A Extensão Universitária é um conjunto de atividades acadêmicas que têm como objetivo primordial a relação entre comunidade universitária e sociedade civil. Ela se desenvolve mediante a elaboração de projetos, programas, cursos, oficinas, prestação de serviços, eventos, entre outras atividades que visam a identificação de questões sociais em sua interface com as pesquisas e atividades da universidade (SANTOS; ROCHA; PASSAGLIO, 2016).

Considerando que a extensão compõe parte imprescindível no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, nos termos do art. 207 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF/88), a curricularização da extensão, regulamentada com Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018, impulsiona, enquanto

marco regulatório, um conjunto de ações em instituições públicas e privadas que visa fortalecer a ação, bem como atingir as diretrizes do Plano Nacional de Educação (PNE).

Art. 3º A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (BRASIL, 2018, p. 1-2).

Sobre esta regulamentação, Mota, Tena e Séllos-Knoerr (2019) observam a implementação da extensão, situando as limitações e contribuições e ressaltando seu aspecto na promoção humana. Um dos maiores desafios foi o tempo exíguo para sua inserção nos cursos de graduação, como dispõe o Art. 19 do Parecer CNE, que orienta que “as instituições de ensino superior terão o prazo de até 3 (três) anos, a contar da data de sua homologação, para a implantação do disposto nestas Diretrizes” (BRASIL, 2018, p. 4).

De modo que os Projetos Políticos e Pedagógicos (PPPs) dos cursos de graduação deveriam inserir estas ações neste prazo. O parecer regimenta em seu Art. 4º que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos” (BRASIL, 2018, p. 2). A proposta também sugere a implementação nas Pós-Graduações, mas ainda não é obrigatório. Dado o pouco espaço de tempo, observou-se que esta implementação ainda está em processo nas universidades.

A extensão tem protagonismo em seu aspecto social, e o primeiro ponto a ser considerado quando elaborada é sua relação com a comunidade, posto que em seu inciso I das diretrizes do Parecer da CNE afirma que “a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social” (BRASIL, 2018, p. 2).

Vale também ressaltar a sua contribuição para a vivência profissional dos alunos e alunas em processo de formação. O documento em seu Art. 5º dispõe em seu inciso II que “a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular”. Nas palavras de Santos, Rocha e Passaglio (2016, p. 28): “Essa dimensão abre a possibilidade de repensar a prática profissional e o compromisso que esta tem com as demandas sociais”. Colocar alunos e alunas em situações reais, que exigem deles criatividade e formulações rápidas para resoluções de problemas que se apresentem permite uma troca de experiências que modifica seu *métier*.

Facilmente constata-se que este marco impele o aprofundamento de política públicas e o compromisso das instituições em responder às demandas sociais, como exposto no Art. 6º, inciso III

A promoção de iniciativas que expressem o compromisso social das instituições de ensino superior com todas as áreas, em especial, as de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, e trabalho, em consonância com as políticas ligadas às diretrizes para a educação ambiental, educação étnico-racial, direitos humanos e educação indígena. (BRASIL, 2018, p. 2).

O que parece ser um dos entraves é a questão de recursos para a realização das ações. Mota, Tena e Sóller-Knoerr, (2019) avaliam que a recepção será distinta em instituições públicas e privadas. Especialmente nestas últimas, nas quais os autores avaliam que este custo será transferido para o aluno, “a menos que as IES particulares obtenham de alguma forma recursos públicos para tal intento para que se evite inclusive elevação nos valores da mensalidade, o que por certo feriria o direito de personalidade do estudante, que é o direito à educação” (p. 90).

O caminho a ser seguido ainda é muito longo, mas a importância das ações de extensão já se revela na promoção de iniciativas que fortalecem os direitos humanos. Quanto mais a universidade se apropria e conhece as realidades extramuros, mais é possível demandar e exigir políticas públicas voltadas à sociedade, aos direitos humanos e suas vulnerabilidades — a extensão é este caminho de muitos tensionamentos, mas de grandes possibilidades.

Extensão na Rede: é possível?

O uso das novas tecnologias de informação tem sido um desafio de pesquisa e análise, uma vez que são ferramentas usadas constantemente, características das sociedades modernas. O desenvolvimento dos meios de comunicação impacta a organização do tempo e do espaço na vida das pessoas. Thompson (1988) atenta em sua análise para o fato de que não há passividade na recepção das mensagens neste universo, pois o circuito da informação é plural, uma vez que usuários e criadores podem assumir muitas performances e lançam uma profusão de conteúdos simbólicos.

Neste mesmo sentido, Castells (1999) observa que o processo de industrialização e as diversas transformações tecnológicas responde a um momento do conhecimento humano que é muito peculiar. Convergindo nesta ótica, Pereira e Silva (2020) avaliam que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) apontam para esse desenvolvimento econômico, social, além de profundas mudanças no mundo. Uma destas mudanças impacta diretamente o ambiente do ensino.

Com o sistema remoto sendo um novo modelo de ensino, ao qual fomos compelidos a nos adequar, veio também a possibilidade de uma nova forma de explicar conceitos e conhecimentos, usando outras estratégias e ferramentas para tornar mais acessível tudo aquilo que aprendemos dentro do âmbito universitário. Seria possível o uso da mídia social como lugar de discussão? Sabemos dos avanços das TICs para a educação, mas ampliar isso para o espaço das mídias sociais tornou-se um desafio.

No sentido emprestado por Primo (2012), as mídias sociais são este lugar de trocas que modificou a maneira pela qual as pessoas se comunicam, situadas no contexto de sociedades modernas e trocas complexas, onde a relação emissor-mensagem-receptor pode assumir muitas nuances, uma vez que a mensagem agora é atravessada pela interatividade e pode aceitar a colaboração de muitos agentes.

A rede social, por sua vez, representa esse lugar em que pessoas, organizações, marcas, etc., estabelecem conexões em torno de crenças, valores e interesses que se compartilham. E tem sido fulcral a sua utilização para as mais diversas finalidades. Vimos em 2008 o seu impacto no processo político dos Estados Unidos durante a campanha presidencial entre os candidatos Barack Obama e seu adversário John MacCain. Desse modo, a pergunta que motivou a criação do projeto, especialmente por ser um ano de eleição, foi: É possível estabelecer diálogos sobre eleições nas redes sociais?

A categoria política enquanto analítica é muito ampla, mas aponta sua necessidade no estudo do tecido social. Diante desta amplitude, quando se fala em política, o conceito surge como uma prática marcada pela externalidade (GOLDMAN, 2006). A maioria das pessoas afirma não gostar de falar ou comentar sobre política, mas, se ousarmos mais uma investida, todos têm alguma consideração sobre um político, uma situação em determinada campanha ou um evento que tenha acontecido. Essas afirmações das pessoas ocorrem porque se supõe não saber o que é e como se explica conceitualmente o que chamamos de política.

Compreendendo esta externalidade, e também com o entendimento de que as concepções teóricas que muitas vezes elaboramos nos bancos da universidade nos deixam distantes, o projeto reforçou sua importância ao propiciar de maneira didática, lúdica e também conceitual que todos tivessem acesso à maneira pela qual nós pensamos e compreendemos o que venha a ser política, democracia e cidadania.

O projeto de extensão Núcleo de Estudos Eleitorais foi a etapa inicial, com o objetivo de discutir sobre conceitos e vivências na política brasileira através de minicursos e postagens que explanaram sobre as instituições políticas em cenários eleitorais. Aos poucos, fomos construindo um coletivo de discentes que quiseram formar grupos de discussões temáticos.

Logo, pensamos numa dinâmica que não interferisse nas aulas. Os encontros ocorriam aos sábados de maneira *online* através da plataforma *Google Meet*, com os alunos e alunas do curso que se voluntariaram e fizeram as apresentações e discussões de textos previamente selecionados e com a orientação dos professores extensionistas.

Nesta mesma dinâmica, os conteúdos passaram a ser criados e as publicações tiveram início no dia 09 de maio de 2020 e foram até 16 de maio de 2021. Transcorrido o ano, o projeto foi reformulado para uma proposta mais ampla, com o entendimento de que não se tratava somente de circunscrever o sistema eleitoral, mas que era possível olhar a política como um todo, então surgiu o Núcleo de Estudos Antropolíticos (NEA). A figura 1 indica esta passagem com a identificação da nova arte.



Figura 1: Apresentação do projeto Núcleo de Estudos Antropológicos (NEA)

Fonte: @nea.uern. Elaboração própria, 2022.

No dia 17 de maio de 2021, foi apresentada a nova identidade visual do projeto, fazendo este movimento de transição e explicando essa ampliação da proposta, bem como a reestruturação da equipe de voluntários(as) e bolsista. O NEA partiu de um olhar que objetivava ampliar a abordagem tradicional, evitando idear “a política como um ofício” ou mesmo um processo específico, definível objetivamente de fora. Ao contrário, trata-se, de modo geral, de investigar fenômenos relacionados àquilo que, “do ponto de vista nativo”, é considerado como “política”. (GOLDMAN, 2006, p. 203)

O projeto, desde o início, buscou utilizar uma linguagem mais didática e recursos metodológicos práticos nas discussões que versaram sobre a política nacional. Como vivemos em uma sociedade que acumula formas variadas e intensas de desigualdades sociais, tal movimento foi de extrema importância em uma ação extensionista que visou a democratização do acesso ao conhecimento. Levar isso em consideração nas ações de divulgação do conhecimento científico é um imperativo de primeira ordem (OCN, 2006, p. 110).

Pensamos a política “de modo aparentemente, mas só aparentemente, incoerente, como algo externo e temporário, mas feito da mesma matéria de que é feito o seu cotidiano [...]” (PALMEIRA, 2006, p. 139). Em outras palavras, a política deve ser pensada a partir das práticas cotidianas das pessoas, de seus hábitos e crenças e de suas redes de relações.

Diante dos cenários de intolerância e ódio vivenciados nas campanhas eleitorais e pela necessidade de debates para ampla divulgação de estruturas e organização da vida política, a proposta ganhou engajamento e destaque. Revelando também a sua contribuição teórica em provocar discussões pertinentes às Ciências Sociais no aprofundando da temática, assim como o fortalecimento da sua interlocução com a comunidade local e de pesquisadores.

Pandemia, política e extensão: o NEA em ação

A crescente popularidade das redes sociais faz aumentar o interesse dos pesquisadores que buscam ampliar sua influência sobre as pessoas e os grupos que elas fazem parte, uma ferramenta de apoio com um grande potencial de se tornar um recurso educacional. Como destacam Machado e Tijiboy (2005), a comunicação em rede tem sido explorada como instrumento de ativação de movimentos sociais e culturais, como a luta pelos direitos humanos, das feministas, dos ambientalistas, etc.

Na educação, a participação em comunidades virtuais de debate e argumentação encontra um campo fértil a ser explorado. Através dessa complexidade de funções, percebe-se que as redes sociais virtuais são canais de grande fluxo na circulação de informação, vínculos, valores e discursos sociais que vêm ampliando, delimitando e mesclando territórios (Machado; Tijiboy, 2005). Logo, o projeto de extensão NEA se ambientou ao cenário pandêmico, no qual as atividades ocorreram de forma remota e com a utilização em primazia de plataformas digitais.

Na rede social, as postagens já obtinham um papel importante antes mesmo da pandemia e, com a inclusão do ensino remoto, elas ganharam bastante espaço para o projeto e o público em geral. As publicações foram baseadas em evidências (artigos científicos ou livros) e realizadas por todos os discentes participantes do projeto e pela coordenação sendo que atuaram a fim de promover um maior conhecimento sobre os assuntos e de contribuir para a formação dos(as) graduandos(as).

Foi criado um carrossel, exposto na figura 2, e mais duas postagens fazendo essa relação da antropologia com a política, fundamentando também os conceitos que são trabalhados no curso de Ciência Sociais, de maneira a conduzir com os discentes numa imersão na literatura e conteúdo que são trabalhados ao longo de sua formação.



Figura 2: Sequência da apresentação do projeto NEA

Fonte: @nea.uern. Elaboração própria, 2022.

Como citado anteriormente, esta publicação foi realizada para informar a transição do projeto, apresentando como ele iria funcionar a partir das vivências e conceitos da política brasileira por meio de minicursos que explicam as experiências etnográficas e de campo. Dessa forma, queríamos reforçar o quanto a discussão acerca da política

é importante para que se consolidem valores essenciais na construção da democracia, ampliando os conhecimentos sobre estudos políticos, apresentando instituições, dinâmicas e atores envolvidos com o recorte antropológico.

As redes sociais, em especial o Instagram, deu lugar a um ambiente de aprendizagem onde se pode extrair uma alta taxa de interação com as informações entre as pessoas. O grupo de maneira orgânica pensou que geraria impacto e rotinização a criação de quadros temáticos foi um grande diferencial na elaboração das postagens para o *feed* e os *stories* da rede social. O grupo conseguia se organizar para a rotina da elaboração, alternando dias e duplas, realizando pesquisas, levantando dados, elaborando a escrita dos textos para as caixinhas de perguntas e legendas para as publicações. Alguns exemplos dessa produção podem ser verificados na figura 3, são os quadros: *Oxente!*; *Eita Mulunga*; *A gente tá doido pra saber*; *Na tua terra tem disso?*; *Vocabulário Politiquês*; *Desenhar para Entender*; e *4 coisas que você precisa saber*.

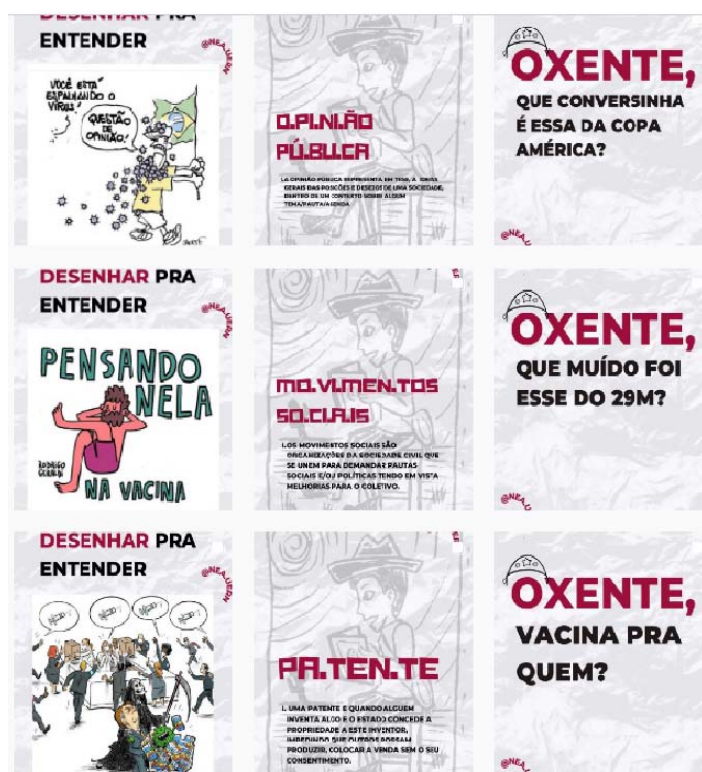


Figura 3: Quadros temáticos do NEA
 Fonte: @nea.uern. Elaboração própria, 2022.

As postagens feitas no *feed* foram construídas e divididas coletivamente. No início da semana, trocávamos mensagens em um grupo criado no *WhatsApp* para a escolha das temáticas a serem desenvolvidas ao longo da semana. Diante da efemeridade que são as notícias, escolhemos os *stories* para fazer compartilhamento relacionados à temas mais emergentes relacionados à política. Diante dessa logística e organização, montamos também um cronograma para realização dos minicursos, que tinham como objetivo central explicar os temas a serem desenvolvidos no projeto.

Os minicursos foram explanados por professores e pesquisadores da área, de diferentes instituições, proporcionando uma ampla experiência para aqueles que participaram. Feito o contato e aceito o convite o grupo de extensão deliberou sobre um tema e foi feito, com a ferramenta *Google Forms*, o formulário de inscrição. Assim, foram expostas na página do Instagram as chamadas para os minicursos (figura 4) e disponibilizado um link com um formulário para a efetivação da inscrição.



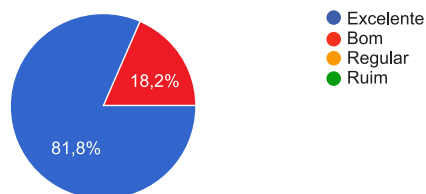
Figura 4: Chamadas para minicursos
Fonte: @nea.uern. Elaboração própria, 2022.

O primeiro minicurso do NEA, ministrado pelo doutorando Josélio Sales (UFPB), teve como tema “Dando a carne para manter o voto: a comida como controle”, contendo um total de 50 inscritos. O segundo, “Geografia do voto”, ministrado pela professora Terezinha Barros (UERN), obteve um total de 55 inscrições. O terceiro e último organizado, ministrado pelo professor Marciano Monteiro (UFCG), teve como tema “Nepotismo e poder político” e contou com o total de 53 inscrições. As dinâmicas para as inscrições se deram mediante a divulgação na rede social e grupos, e foram feitas, majoritariamente, por alunos(as) de graduação, contudo houve também mestrandos(as) e doutorandos(as), além de pessoas/alunos de diferentes universidades. Foi possível também identificar profissionais da comunicação, membros da sociedade civil e atores políticos nas participações virtuais, o que reforça o impacto da iniciativa tanto no meio acadêmico quanto na comunidade externa.

Além do formulário de inscrição, ao término do curso foi disponibilizado o formulário de avaliação do minicurso, dessa forma os participantes puderam responder o que acharam do minicurso e também sugerir temáticas que fossem interessantes (dados apresentados na figura 5). Este formulário foi composto por opções de múltipla escolha, e nele contém escolhas, cujas respostas eram: “excelente”, “bom”, “regular” e “ruim”. O gráfico 1 mostra a avaliação do primeiro minicurso, que obteve 81,1% “excelente” (em azul) e 18,2% “bom” (em vermelho). A dinâmica da atividade acontecia com a fala do professor e logo em seguida abria-se para a discussão. Neste minicurso, o professor trouxe uma ampla discussão de como os hábitos à mesa e a relação com a comida mantêm a sua interface e são importantes nos jogos políticos.

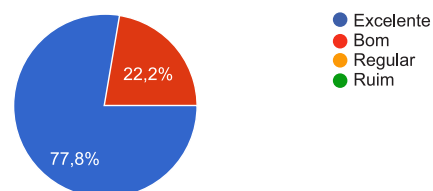
Como você avalia o minicurso
22 respostas

Gráfico 1



Como você avalia o minicurso
18 respostas

Gráfico 2



Como você avalia o minicurso
24 respostas

Gráfico 3

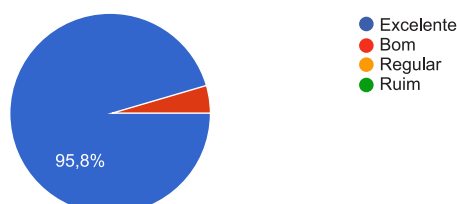


Figura 5: Gráficos 1, 2 e 3 – Avaliação dos minicursos

Fonte: Formulário elaborado pelos integrantes. Elaboração própria, 2022.

O gráfico 2, do segundo minicurso, obteve 77,8% “excelente” e 22,2% “bom”. Este minicurso, em específico, trouxe um recorte de pesquisa da Geografia do Voto, no qual foram explanados estudos de caso e enfatizada a importância da geografia do bairro/cidade/estado na leitura e análise de como se configuram as eleições e seus resultados. Em especial, o minicurso ganhou bastante adesão dos discentes do curso e de pesquisadores das áreas desenvolvidas nos temas.

No gráfico 3 temos o percentual do último minicurso. Nele consta 95,8% “excelente” e 4,2% “bom”. Com o tema Nepotismo sendo desenvolvido, o curso trouxe muitos exemplos de estudos na temática, muitos questionamentos e engajamento dos participantes. Logo, é possível observar que os minicursos obtiveram um retorno positivo a partir das avaliações. Uma parte do questionário deixou espaços para sugestões/críticas, um espaço mais subjetivo. Recortamos algumas destas expressões:

“Ótima iniciativa. Momento muito agradável. Boas reflexões. Gostaria de uma abordagem mais direcionada para as campanhas digitais, por isso já estou aguardando o curso de ‘redes sociais’ (participante do minicurso 1).

“Gostei muito do material ilustrado no curso que deu acrescentar mais a exposição feita. (participante do minicurso 3).

“Vocês poderiam disponibilizá-lo no *youtube* utilizando a plataforma Stream Yard, meu Centro Acadêmico CAAP da Unesp de Araraquara utiliza e é super bacana e tbm salva os vídeos no canal do *youtube*”. (participante do minicurso 2).

Muitas sugestões foram dadas para as temáticas futuras: “Legislação eleitoral”, “Gestão de crises nas redes sociais”, “Polarização política e sua influência nas relações sociais”, “Populismo digital”, “Forças regionais na política brasileira”, entre tantos outros. Os minicursos tinham a função de comunicar, de uma

maneira mais clara e didática sobre como a política perpassa cotidianamente a nossa vida, chamamos isso de uma lente antropolítica, considerando que devemos articular e mais do que isso, acessar através da informação estes temas trazendo recortes do dia a dia.

Outro aspecto interessante foi a quantidade de pedidos para os cursos serem realizados no período noturno: “O curso poderia ser realizado de noite também, para que todos consigam acompanhar” (participante do minicurso 2), esta fala expressou o pedido corrente em outras sugestões. Avaliamos que o público que conseguia participar era em sua maioria estudantes/pesquisadores, com a demanda, vimos que os mais diversos profissionais transitaram nos eventos, o que nos fez pensar no acúmulo de demandas durante o dia que impossibilitasse a participação efetiva dos mesmos. Estes dados importam para um possível desenvolvimento do projeto em anos futuros.

Atualmente o NEA tem 457³ seguidores no *Instagram*, mais de 630 contas alcançadas e até 600 interações em algumas publicações. Fomentando o conceito básico sobre política e assuntos voltados à educação, gerando informações importantes de temas como racismo, geografia do voto, direitos das pessoas com deficiência e até impactos ambientais.

A postagem “O que danado é Antropolítica” gerou 38 compartilhamentos, sendo a publicação mais compartilhada desde que a conta passou a ser do NEA, sendo também a mais comentada e mais curtida, com um total de 83 curtidas, alcançando mais de 350 contas diferentes na rede social.

Na rede social *Instagram* há uma ferramenta chamada “salvar”, onde os usuários salvam as postagens de mais relevância para serem vistas mais uma vez em outro momento. A postagem sobre o autor e líder indígena Ailton Krenak gerou um total de 26 “salvos”, sendo a publicação mais salva do NEA. No período de pandemia foram compartilhados diversos conteúdos relacionados aos minicursos realizados pelo NEA tão logo a chamada dos cursos foi realizada, os conteúdos eram pesquisados através de dados e referenciais teóricos relacionados às temáticas, com o intuito de trazer ideias e conceitos do tema de maneira didática.

Não podemos deixar de considerar os gargalos que esta ferramenta aportou. Os desafios de conexão, ausências de internet e invasões em minicursos foram relatados constantemente. Internamente, manter a equipe de voluntários do projeto sempre ativa e criativa foi um desafio, pois, os alunos também estavam imersos em muitas outras atividades, até mais cansativo com a demanda gerada pelo virtual; e contatar pessoas e professores que já estavam imersos em muitas outras atividades também causou mudanças nas propostas e agendas. O cansaço e a fadiga de passar horas em frente ao computador também compõem estes entraves.

O contexto social dos participantes do grupo e dos minicursos é outro elemento a ser compreendido neste período de pandemia, que merece ser melhor explorado em outro momento, uma vez que o surgimento de uma sociedade em rede não é a garantia de acesso de qualidade a todos. Percebemos isso nas constantes saídas e entradas nas atividades, com as quedas de conexão, na ausência de equipamentos necessários para falar ou se mostrar em câmeras, na dificuldade de privacidade do próprio ambiente doméstico.

Ainda que com estas ressalvas, podemos dizer que o uso de redes sociais como os modelos adotados nesta pesquisa proporcionou um importante recurso no processo de ensino-aprendizagem para o projeto de extensão. Foi diante dos desafios do ensino remoto neste período de isolamento social que a pesquisa surgiu como uma oportunidade de ampliar o máximo de informações possíveis na construção de uma forma alternativa de interação e comunicação no ambiente universitário.

CONCLUSÕES

Com base no que foi apresentado, nota-se a importância da extensão universitária no incentivo à transformação social em espaços para além da universidade, através da ampliação da partilha de conceitos, saberes, produção e pesquisa dos profissionais das ciências sociais em formação. O projeto justificou-se pelo forte impacto que gerou nas dinâmicas de aprendizado dos estudantes do nosso curso e de todos os envolvidos que desejaram compreender mais o tema da política brasileira. A extensão se revelou, especialmente na pandemia, uma contribuição no que se refere à formação política e cidadã, pois entendia-se que quanto mais acesso à informação sobre a política houvesse, mais claras e democráticas seriam nossas escolhas.

A adaptação do projeto de extensão para o contexto de isolamento social seguiu o rumo da adaptação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e, dessa forma, é perceptível o ajuste da produção acadêmica para um formato no qual as condições necessárias foram alcançadas por meio da coordenação de um trabalho em equipe, com funções bem definidas, para manter em funcionamento e bem delimitado o compromisso do ensino, da pesquisa e da extensão.

Com a viabilidade do uso das redes sociais como ferramenta de disseminação de conhecimento, o projeto permitiu agregar sobre cidadania, políticas públicas e direitos, para diferentes públicos da sociedade, de diferentes faixas etárias, desde os inseridos na academia a cidadãos dos mais diversos segmentos. Esta experiência também nos fez pensar sobre como este projeto ancorado na proposta virtual trouxe-nos reflexões para um período pós-pandemia, criando um cenário de possibilidades onde presencial e estratégias virtuais se combinem.

As informações sobre as temáticas dos minicursos ministrados versaram sobre a política brasileira, dispostas para os inscritos através de uma lente antropolítica, numa dimensão mais profunda sobre as questões debatidas. Através da ferramenta de avaliação dos minicursos, percebeu-se o retorno positivo e o resultado satisfatório das propostas apresentadas aos inscritos, além da participação de um público de outras universidades e regiões, alcançados pela ferramenta das redes sociais e seu amplo alcance de divulgação. O projeto, por ser extensivo, trouxe uma contribuição a todos aqueles que buscavam ampliar os conhecimentos sobre processos políticos e o fortalecimento da democracia: estudantes, pesquisadores, atores políticos, movimentos sociais, instituições, entre outros.

Por fim, é importante destacar as melhorias no desenvolvimento e aprendizado dos extensionistas, como também no projeto de extensão em si, no alcance dos minicursos, através da superação dos desafios surgidos em

decorrência do distanciamento social, como também a consolidação do projeto de extensão Núcleo de Estudos Antropolíticos. Essa consolidação implicou numa configuração adaptada para as redes sociais, diferente de um modelo de projeto de extensão tradicional, cujos resultados foram exemplares, tanto no meio acadêmico quanto no público geral atingido pelas publicações e minicursos.

AGRADECIMENTOS

Os autores do trabalho agradecem à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte pelo apoio e incentivo à extensão universitária. Agradecem também aos professores e professoras colaboradores, aos discentes do curso de Ciências Sociais, bolsista e voluntários e a todos os participantes que compuseram e se engajaram no projeto.

NOTAS

¹ Ocasionada por uma doença infecciosa (COVID-19) propagada pelo vírus SARS-CoV-2.

² O projeto de extensão foi contemplado com 1 (uma) bolsa para discente pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX).

³ Informação de 20 de abril de 2023.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parecer CNE/CES n. 608/2018. Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira. 2018.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

GOLDMAN, Marcio. Uma teoria etnográfica da democracia: a política do ponto de vista do Movimento Negro de Ilhéus, Bahia, Brasil. 203-226. In: Política no Brasil: Visões de Antropólogos. Moacir Palmeira & Cesar Barreira (Orgs). Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2006.

MACHADO, Joicemegue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. *Novas Tecnologias na Educação*. CINTED-UFRGS, V. 3 Nº 1, maio, 2005.

MOTA, Ivan Dias da; TENA, Lucimara Plaza; SÉLLOS-KNOERR, Viviane de Coelho. O novo marco regulatório da extensão universitária no Brasil: uma contribuição para a política de promoção humana. *Revista Brasileira de Direito*, Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 79-110, dez. 2019. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/3845>. Acesso em: 12 Dez. 2021. doi:<https://doi.org/10.18256/2238-0604.2019.v15i3.3845>.

PEREIRA, Danilo Moura.; SILVA, Gislane Santos. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como aliadas para o desenvolvimento. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, [S. l.], v. 7, n. 8, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1935>. Acesso em: 20 Fev. 2023.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede *Contemporânea: Comunicação e Cultura*. Salvador. Vol. 10, n. 3 (set./dez. 2012), p. 618-641

RESENDE, Ciro Antônio da Silva. Análise de redes sociais: o método e sua utilização nas Ciências Sociais brasileiras. *Ciências Sociais Unisinos*. 56 (1):94-103, janeiro/abril 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/csu.2020.56.1.09>. Acesso em: 20 Abr. 2023.

SANTOS, João Henrique de Sousa Santos.; ROCHA, Bianca Ferreira.; PASSAGLIO, Kátia Romanini. Extensão Universitária e formação no Ensino Superior. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, v. 7, n. 1, p. 23-28, 28 maio 2016. Acesso em: 12 Dez. 2022.

THOMPSON, John Brookshire. B. A mídia e a Modernidade. Uma Teoria Social da Mídia. Editora Vozes: Petrópolis, 1998.

Submetido em: 24/02/2023 Aceito em: 02/05/2023